

Projeto para o Edital de Concurso de Bolsa de Mestrado (P3)
em Língua Portuguesa 2021

Setor de Filologia (Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB/ RJ)

Título: *Edição crítica de 'O Guesa' de Sousândrade*

Supervisor: Tânia Dias

Tema

Encontra-se em desenvolvimento, no Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, o preparo de uma edição crítica do poema épico inacabado *O Guesa*, de autoria de Sousândrade, nome por que ficou conhecido o escritor brasileiro Joaquim de Sousa Andrade. O trabalho vem sendo realizado por uma equipe interinstitucional formada por pesquisadores da FCRB, UNIRIO, USP e UFRRJ.

Dada a inexistência de qualquer espécie de manuscrito de *O Guesa*, a recuperação dos sucessivos processos de criação do texto é feita por meio das diversas edições impressas do poema ao longo do século XIX. Elegemos como texto-base a sua derradeira versão, também inacabada, revisada pelo próprio poeta e publicada em Londres (Printed by Cooke & Halsted, The Moorfields Press, E. C., s/d.). Nesta edição crítica serão incluídos os treze Cantos que hoje se conhecem do poema e as últimas alterações, revisões e expansões realizadas pelo autor para a versão londrina. Com o intuito de fundamentar a prática do preparo da edição e contribuir para uma reflexão sobre seus pressupostos e problemas teóricos, dela constarão: a. uma introdução filológica; b. aparato crítico com o levantamento das variantes; c. notas com informações e glossário concebidos de acordo com os seguintes tópicos: contextos históricos, geográficos, etnográficos em que se dão o itinerário do personagem Guesa e também as viagens realizadas pelo poeta a alguns países à época da elaboração do poema; d. notas com fontes de alusões literárias; e. pesquisas bibliográficas sobre a obra do poeta.

Histórico da questão

A história do processo de escrita de *O Guesa* pode ser acompanhada pelas várias edições que foram publicadas anteriormente à de Londres, última versão inacabada. Nessa última edição, Sousândrade informa que o Canto XII e os de número VII e XIII estavam “interrompidos”, mas que então concluiu o plano da obra. O fato de o poeta se permitir publicar versões parciais do texto; de após cerca de 15 anos da última edição, voltar a conferir destaque, em *O federalista*, à inconclusividade do poema, impressa no termo “continua”; tudo

isso aponta para o caráter experimental da obra e para uma concepção do processo de criação como uma ação provisória e contínua, com relativa despreocupação com o texto definitivo.

Por outro lado, a compreensão de Luíza Lobo, segundo a qual as datas que abrem os Cantos dizem respeito ao tempo de escrita do poema, confirma-se pela “Memorabilia”, prefácio escrito pelo poeta à edição de 1874. Considerando-se apenas as datas inseridas em algumas publicações, constatamos que Sousândrade leva cerca de duas décadas para reunir todos os Cantos em uma única edição. A publicação do poema é feita ao longo de vários anos – iniciada em 1867, prolonga-se até 1884, data provável, segundo Luiza Lobo, de sua última edição. Essa progressão que não é, no entanto, linear, já que se inicia pelo Canto II, mostra que a corporeidade do texto vai surgindo aos poucos, na pluralidade de suas várias versões modificadas para alguns Cantos.

Em 1867, Sousândrade inicia em São Luís a publicação de seu poema, intitulando-o *Guesa errante*. Um trecho do Canto II sai no jornal *Semanário Maranhense* em seus números 1, 3, 5 e 7 com as datas de 1/09/1867; 15/09/1867; 29/09/1867 e 13/10/1867. É só depois de um ano, em 1868, que publica trechos do Canto I.

Ainda no ano de **1868**, o poeta retoma aqueles dois Cantos do *Guesa errante*, ampliando-os e publicando-os em São Luís, em *Impressos I*, uma coletânea de poemas que contém também as *Poesias diversas*. Nessa segunda edição do poema é incluída uma epígrafe retirada da enciclopédia *L’Univers* sobre os índios muíscas da Colômbia, em que Sousândrade se apoia para compor o personagem Guesa, “herói” ou “anti-herói romântico” do poema, como prefere defini-lo Luiza Lobo.

Em *Impressos II*, nova edição de **1869**, também em São Luís (a que até agora não se teve acesso), é publicada a primeira versão ainda inacabada do Canto III. De acordo com Luiza Lobo, em **1870**, sai mais uma coletânea com o título de *Harpas eólias*. Nela se encontra mais uma reimpressão de *Guesa errante*, mas contendo apenas o Canto III e um trecho do

Canto IV, com esse mesmo título. Foi também incluído *Harpas Selvagens* (1857) acrescido de dois novos poemas.

Em **1874**, Sousândrade publica o primeiro volume de *Obras poéticas*, em Nova York, onde passou a viver, desde 1871, com sua filha Maria Bárbara. Ao lado das coletâneas *Eólias* (com 43 poemas) e *Harpas Selvagens* (com um poema a menos), são reunidos os Cantos I, II, III e o VI já completo de *O Guesa*. Além da epígrafe que já constava de *Impressos*, esta edição traz ilustrações, a “Memorabilia”, em que se reproduzem trechos da recepção crítica da produção lírica do autor e uma pequena informação sobre o período de escrita dos três primeiros Cantos de *Guesa errante*. A folha de rosto não dá nenhuma informação sobre o nome e o endereço da firma onde o livro teria sido impresso. A exceção do Canto I, que se alonga em apenas uma estrofe de quatro versos, os outros são ampliados com um grande número de estrofes. Mas todos eles sofrem profundas alterações em todos os níveis de elaborações poéticas: em nível de reorganização dos versos (fusão entre dois versos ou troca de linhas numa mesma estrofe), no plano da ordem sintática (com construções complexas que levam ao limite da compreensão de sentido), na introdução de elementos tipográficos usuais na imprensa periódica (como acontece no Canto II) e também no plano morfológico, com o uso de formas raras, arcaizantes, e a criação de vocabulário inovador, tendo sido algumas delas já incorporadas pelo dicionário Houaiss.

Em **1876**, em Nova York, sai o volume *Obras Poéticas II* também chamado *Guesa errante*, sendo a primeira vez que o poema é publicado sem estar atrelado a uma coletânea. Nessa primeira edição autônoma, o poema se alonga, pois são acrescentados o Canto V, VII e um pequeno trecho do VI que mais tarde na edição de Londres passará ao VIII. Aqui também se repete a mesma “Memorabilia” de 1874. No ano seguinte, após a publicação em *Obras poéticas*, em **1877**, ainda em Nova York, sai mais uma edição autônoma, intitulada *Guesa errante* com o Canto VIII, que se torna o Canto X da última edição. Os críticos Augusto e Haroldo de Campos se referem a esse último Canto como “Inferno de Wall Street”, assim como designam o Canto II de Tatuturema”. Ambos constituem o que a crítica denomina de os

“infernos” de *O Guesa*. Nessa edição de 1877 é introduzida mais uma “Memorabilia”, por uma resenha do poema por –de Pereira da Silva que saiu no jornal *A Reforma*, do Rio de Janeiro, posteriormente republicada no “Novo Mundo”.

A edição de Londres, a mais completa de todas, conta com doze Cantos e mais o Canto-epílogo. São introduzidas muitas alterações em todos os planos. Retira-se o adjetivo que acompanhava o título do poema, pois segundo o próprio autor a palavra “Guesa” significa errante. Os Cantos sofrem uma nova organização com o deslocamento de alguns deles: o de número VI passa a ser VIII, o de VII torna-se o IX e o de VIII, o X. São acrescentados cinco Cantos: os de número VI, VII, XI, XII e XIII. Foram publicados de forma incompleta os Cantos VII, XII e XIII os quais o poeta jamais retomou para terminar. Todos os Cantos abrem-se com datas diferentes daquelas em que são publicados, que são interpretadas por Luiza Lobo como sendo datas relativas à criação do poema, dado confirmado pelo autor na “Memorabilia” de 1874. A diagramação do poema é alterada significativamente: os grandes espaços em branco entre as estrofes foram reduzidos ao máximo, procedimento que já estava em curso desde as *Obras poéticas* de 1874; as linhas pontilhada e os asteriscos que separavam um grupo de estrofes foram eliminados; os comentários do autor sobre a obra e as duas “Memorabilia” foram também retirados. Mas a edição ganha uma longa citação de *Vue des Cordillères, et monuments des peuples indigènes de l’Amérique*, de Humboldt, em que se trata do sacrifício a que é submetida a “vítima humana”.

Justificativa

Este projeto interinstitucional de edição crítica do poema *O Guesa*, de Joaquim de Sousândrade, que ora preparamos na Fundação Casa Rui Barbosa, tem como objetivo elaborar pela primeira vez uma edição crítica que contenha todos os Cantos do poema e que reúna em seu aparato crítico a suas inúmeras variantes, além de estudos críticos e filológicos. O processo mesmo da escrita do poema e os diversos modos de sua publicação talvez tenham de alguma forma dificultado o seu acesso até mesmo para o reduzido grupo de letrados do

Brasil da segunda metade do século XIX. Alguns Cantos foram escritos gradativamente, tendo sido os fragmentos do I e do II, como dissemos acima, publicados primeiramente em periódico e só no ano seguinte em livro. Eles e alguns outros foram, depois de um longo período, retomados mais de uma vez, reescritos, ampliados e publicados em mais de uma coletânea, passando ainda por edições autônomas antes de chegarem à derradeira versão, também inacabada. As consecutivas escritas e variadas publicações em pelo menos três lugares diferentes (São Luís, Nova York e Londres) colaboraram, em grande medida, para a dispersão do poema e o conseqüente ostracismo a que ele foi submetido por muitos anos.

É somente na década de 1964 que *O Guesa* e toda a obra de Sousândrade recebem da crítica brasileira atenção merecida com a publicação de *Revisão de Sousândrade*, de Augusto e Haroldo de Campos, livro que ganhou uma nova edição revista e aumentada em 2002. Além de suas próprias análises, *Revisão* inclui um longo texto de Luiz Costa Lima e uma bibliografia extensa sobre a obra de Sousândrade. Foi sem dúvida nenhuma o livro dos irmãos Campos que resgatou o poeta do esquecimento e incentivou, nos anos 1970, Jomar Moraes, Frederick Williams e em seguida Luiza Lobo a publicarem uma série de estudos sobre o autor. Destacáramos ainda o livro de Carlos Torres-Marchal de 2002 que elucida muitos dados sobre a vida do autor até então obscuros, além de esclarecer muitas das referências históricas e biográfica tratadas no poema.

Se por um lado, a ausência de manuscritos sobre o processo criativo do poema inviabiliza, de certa forma, a elaboração de uma edição crítico-genética, por outro lado, a colação das edições impressas do poema no século XIX nos permite recuperar os diversos percursos de criação do texto que permanecem praticamente inexplorados pela análise crítica. Embora inacabada, adotaremos como texto-base para a edição crítica do poema a edição londrina de *O Guesa*. Joaquim de Sousandrade. *O Guesa*, London, Printed by Cooke & Halsted, The Moorfields Press, E. C., s/d. E é exatamente por apresentar uma instabilidade textual, explicitada pelo incessante trabalho do autor de reescrever, ampliar e publicar o poema em periódicos e coletâneas poéticas até chegar a essa versão “final”, que as suas implicações

serão consideradas nos pressupostos a serem adotados na preparação da edição crítica do poema aqui proposta. A edição crítica do poema procurará recuperar não apenas as variantes, mas também a reflexão sobre o poema realizado pelo autor e por seus contemporâneos, apresentada nas diversas “Memorabilias”.

Objetivos

1. Geral:

a. Levantamento das variantes dos Cantos de *O Guesa* e elaboração de notas com vistas a edição crítica do poema que se encontra em preparo por uma equipe interinstitucional.

2. Específicos:

a. Cotejar as diferentes publicações dos Cantos de *O Guesa*.

b. Recuperar o estágio por que passaram os Cantos nos diferentes testemunhos do autor, desde sua primeira publicação em 1867 no *Semanário Maranhense* até a quarta e derradeira versão publicada pelo autor, de modo que fique registrada no aparato crítico a instabilidade textual do poema a partir do processo de expansão e transformação de suas variantes. c. Levantar e consignar as diferentes camadas de significação das lições dos cantos, como correção de erros, alteração do ritmo etc. mas também os diferentes estilos que a eliminação, acréscimo ou substituição de uma palavra, frase ou estrofe deixa entrever em seus diferentes tempos de produção.

d. Redação de comentários, contendo os seguintes aspectos dos cantos: a intertextualidade e a apropriação de fontes da tradição literária; os contextos históricos, geográficos, etnográficos e bíblicos ali registrados; informação sobre as diferentes viagens e episódios do autor encenados nos cantos; esclarecimentos sobre do nome

de personagens que apontam tanto para a rede familiar de Sousândrade, como para personagens da tradição filosófica e literária; e glossário sobre aspectos lexicais e semânticos dos vocábulos, de suas grafias inusitadas, arcaísmos, neologismos e outros fenômenos da linguagem peculiar de *O Guesa*, como maiúsculas, itálicos e outros destaques.

Conclusão

O trabalho de estabelecimento de texto do Canto I (leitura das quatro versões, transcrição, levantamentos das variantes e esboço de um estudo filológico) e do Canto III (em processo de levantamento das variantes) realizados por mim e pela pesquisadora Ivette Maria Savelli, ao longo de dois anos, mostra a amplitude e a complexidade do trabalho que envolve a edição crítica de *O Guesa*. Esse trabalho deixou evidente a necessidade de formação de uma equipe para desenvolver o projeto de edição proposto pelo Setor de Filologia. Quem se dispõe a ler todas as edições do poema, talvez se dê conta das várias campanhas de escrita levadas a cabo pelo poeta, como se pode verificar pelo aparato crítico que acompanha a nossa proposta de edição dos Cantos acima mencionados. Para além do grande número de variantes, também chamam atenção de um editor contemporâneo as dificuldades ou mesmo hesitações quanto aos modos de fixação de certos sons da língua portuguesa, como, por exemplo, o uso dos diferentes grafemas para fixar um mesmo som. É evidente que o mero estudo da história da língua não é suficiente para se interpretar de modo adequado a linguagem poética de *O Guesa*. É o caso do emprego de certos arcaísmos fonológicos e lexicais, característicos de sua época e que chegaram até nossos dias, da criação de palavras simples ou compostas formadas a partir de verbos, substantivos e adjetivos do português ou da contaminação de outras línguas, como ocorre com frequência em outros cantos, especialmente no II e no X. As formas raras, o vocabulário inovador e as construções complexas que, a nosso ver, caracterizam um uso

singular do autor ou de sua época, serão preservados nesta edição por se tratar de evidentes elaborações poéticas.

Ressalte-se ainda a complexidade formal do poema que se estrutura como narração da viagem imaginária do herói por diferentes países e períodos históricos da América, África e Europa, desde tempos imemoriais. Saindo dos Andes e da mitologia indígena pré-colombiana, Guesa caminha pelo período anterior à chegada de Colombo, desloca-se em seguida pela história da América e do Brasil, atravessando a colonização, a invasão portuguesa, a Independência do Brasil e seu período monárquico. Retornando a uma África ancestral, segue para a Europa, retorna ao Brasil e depois viaja para os Estados Unidos de fins do século XIX. O poema se molda também de acordo com a contemplação dos quadros da história das Américas e de suas culturas ameríndias, das obras de arte favoritas do autor e de um material cujas metáforas são extremamente fechadas, tornando-se herméticas.

Além disso, *O Guesa* contém diversas reflexões teóricas sobre a tradição da literatura ao longo dos séculos. Poeta de formação nos estudos clássicos e de larga erudição, Sousândrade dialoga ao longo de seu poema com diversos autores e obras, desde Homero, Platão, Dante, Camões, Cervantes, Shakespeare, Santa Rita Durão, Heine, Victor Hugo, Edgar Quinet, Byron, Odorico Mendes, Gonçalves Dias, entre tantos, muitas vezes sem explicitar as suas fontes.

Atividades a serem desenvolvidas pelo bolsista por um período de 1 ano

1. Leitura e cotejo de todas as versões dos cantos
2. Transcrição e atualização ortográfica
3. Levantamento das variantes.
4. Pesquisas (em dicionários e gramáticas do século XIX)

Cronograma de trabalho

| ETAPAS | 1º período | 2º período | 3º período | 4º período |
|--|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| 1. Leitura e cotejo das versões dos cantos selecionados. | XXXXXXXXXX | | | |
| 2. Transcrição | | XXXXXXXXXX | | |
| 3. Pesquisa (em dicionários e gramáticas do século XIX) | | | XXXXXXXXXXXX | |
| 4. Atualização ortográfica e levantamento das variantes | | | | XXXXXXX |

Obs: Cada período corresponde a três meses.